

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
FESTA DO CINEMA ITALIANO: O OUTRO 25 DE ABRIL
1 e 5 de abril de 2024

UNA VITA DIFFICILE / 1961

(*Uma Vida Difícil*)

um filme de Dino Risi

Realização: Dino Risi / **Argumento:** Rodolfo Senego / **Direcção de Fotografia:** Leonida Barboni / **Música:** Carlo Savina / **Montagem:** Tatiana Casini / **Direcção Artística:** Mario Chiari / **Guarda-Roupa:** Lucia Mirisola / **Som:** Biagio Fiorelli e Bruno Moreal / **Interpretação:** Alberto Sordi (Silvio Magnozzi), Lea Massari (Elena Pavinato), Franco Fabrizi (Franco Simonini), Lina Volonghi (Mãe de Elena), Claudio Gora (Comendador Bracci), Daniele Vargas (Marquês Capperoni), Edith Catalano Peters (a mulher no night-club), e, não creditados, Vittorio Gassman, Silvana Mangano e Alessandro Blasetti, nos seus próprios papéis.

Produtor: Dino de Laurentiis / **Cópia:** 35mm, preto e branco, legendado eletronicamente em português, 120 minutos / **Estreia Mundial:** Roma, 20 de Fevereiro de 1961 / **Estreia em Portugal:** Império, a 24 de Julho de 1963 / Reposto no Quarteto a 19 de Julho de 1978.

Una Vita Difficile é um retrato da Itália desde o fim da II Guerra Mundial até ao alvorecer dos anos sessenta, assim explicitamente integrando na sua estrutura boa parte das preocupações, habitualmente não-expressas, do melhor da “commedia all’italiana”. Mas, como um indício da “universalidade” quer do género quer da obra de Risi, o filme não se fecha sobre esse percurso cronológico, antes se abre para muito do que veio depois (sem que esta expressão queira significar algo como “premonitório”), não deixando de ecoar acontecimentos da Itália de muitos anos mais tarde, como a “operação Mãos Limpas” ou a chegada ao poder de um indivíduo como Silvio Berlusconi. Uma vez Itália sempre Itália, possivelmente, mas em todo o caso não deixa de ser espantosa a terrível lucidez que é característica da “commedia all’italiana”, e que aqui, também por isto, surge em plena luz.

Dito isto, é necessário referir que os méritos de **Una Vita Difficile** não são mera questão duma “actualidade” que resistiu ao evoluir dos tempos. Do ponto de vista puramente cinematográfico estamos, aliás, perante uma das obras máximas de Risi, um filme exemplarmente construído, a começar pelo argumento de Rodolfo Senego, ao qual Dino Risi empresta uma mestria absoluta na transposição para imagens, assinando algumas sequências verdadeiramente de antologia. De igual modo, Alberto Sordi encarna de modo perfeito a personagem de Silvio, conferindo-lhe uma espécie de “dignidade patética” que muito contribui para o tom de “comédia amarga” que Risi imprime ao filme. Basicamente, a “vida difícil” do título é a vida de um homem a quem a fidelidade aos seus princípios morais, sociais e políticos tem como única retribuição a incompreensão, o fracasso e a infelicidade. Risi coloca a sua personagem no centro das convulsões históricas italianas filmando também os seus reflexos individuais, manifestados, sobretudo, na relação de Sordi com a mulher (Lea Massari), com a sogra e com o melhor amigo.

Destaque-se, então, no aspecto da construção do filme, a implacável progressão narrativa, começando por salientar a sua estrutura circular: na primeira sequência estamos ainda na II Guerra Mundial, cujo

fim se aproxima, e onde encontramos Sordi, combatente nos "Partigiani", sendo capturado por um soldado alemão. Será salvo de uma execução sumária pela intervenção de Elena, que virá a ser a sua mulher, e que mata o alemão. Não será forçado dizer que esta sequência é uma rima perfeita da última, quando Sordi se despede do comendador para quem trabalhava dirigindo-lhe um violento murro, naquilo que representa, afinal de contas, algo de muito semelhante ao que acontecera com o alemão. A diferença é que, se na primeira sequência Lea Massari conquistara Alberto Sordi, agora é Sordi que conquista, verdadeiramente, a sua mulher. Ainda no capítulo da estrutura narrativa, é mais ou menos nítida a sua divisão em "episódios", assinalados a maior parte das vezes pelos títulos do jornal onde Sordi trabalha, e subordinados a um acontecimento marcante (por exemplo, a entrada dos Americanos em Roma, as primeiras eleições desde a constituição da república, etc.). Em todos eles, o que vemos em contraponto a toda a esperança idealista de Sordi (e que os títulos que compõe para o jornal reflectem) é a dolorosa constatação de que a realidade não se compadece com idealismos, e, sobretudo, que não os compensa: veja-se como Sordi acaba por ser condenado por difamação por não aceitar o suborno de um "Commendatore" que lhe pedia para não publicar um artigo comprometedor. Mais ainda, o que Sordi vai aprendendo é que, como Visconti sintetizaria pouco tempo depois no **Leopardo**, "alguma coisa muda para que tudo fique na mesma". Frase que se cita demasiadas vezes, mas é assim: faz demasiado sentido.

A propósito de mudanças, e do confronto entra a "velha" e a "nova" Itália, **Una Vita Difficile** tem uma sequência brilhantemente loquaz. Trata-se de um jantar em casa de uma família de monárquicos, a que Sordi e Massari comparecem por convite de um amigo marquês, e que tem lugar na noite em que se sabem os resultados do referendo que decidirá se a Itália continuará a ser um monarquia ou passará a ser uma república. Nessa sequência, verdadeiramente antológica. Risi encontra a melhor expressão para retratar uma aristocracia condenada ao desaparecimento, vivendo no passado e num mundo que não tem já nada a ver com aquele que os rodeia, repare-se nos décors, que contribuem para dar um ambiente "fantasmagórico" ao jantar, repare-se na caracterização, digna dos retratos da mesma aristocracia decadente feitos por Fellini (na **Dolce Vita** do ano anterior, por exemplo), dos elementos da família, que mais parecem figuras de cera. Quando, e após alguns conflitos prévios com Sordi e Massari (os únicos republicanos na mesa), se sabe pela rádio da derrota dos monárquicos, toda a gente se levanta da mesa e desaparece (numa admirável metáfora do destino que está reservado àquela classe), ficando sentados apenas Sordi e a sua mulher. Então, em "off", ouve-se a abertura de uma garrafa de champanhe e, sempre sem palavras, um criado entra na sala, enche os copos do casal, e desaparece tão calado como entrou. E, a respeito dos grandes momentos do filme, podia-se ainda falar do plano de Alberto Sordi, bêbedo, no meio da estrada, cuspiendo aos carros que passam; da sequência no "night-club", quando, de madrugada, Lea Massari vai buscar o marido que está podre de bêbedo, uma sequência que pelo estilo e assunto faz lembrar os **Vitelloni** de Fellini, aliás protagonizado pelo mesmo Alberto Sordi; ou ainda da visita à Cinecittà, com os "cameos" de Vittorio Gassman, Silvana Mangano e Alessandro Blasetti aparecendo como eles próprios (processo que Risi repetiria em **Sono Fotogenico**). Em resumo, um filme simultaneamente cómico e trágico, com uma amargura crescente, e de uma lucidez e inteligência constantes. Não há muitos filmes que misturem tanta coisa tão bem.

Luís Miguel Oliveira